

existem antes
mas não tem data

So Distinct. Club
Eduardo Santista
Santos

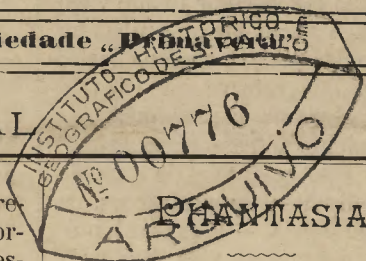
N. 6 — 15 de Dezembro de 1900 —

ANNO I

PRIMAVERA

Organ Litterario da Sociedade "Primavera"

NUMERO ESPECIAL



S. Paulo, 12—1900,

Risonha e festiva como a deusa tutellar das flores que, de tempos a tempos, illumina a curva dos ceos e reverdece a tunica dos campos, a "Primavera", vos abre novamente os seus salões, carissimos consocios, para nelles expandirdes os transportes de vossa alegria e os enthusiasmo de vossa mocidade. Installae vos ahi sem demora e sem maguas. Dessa maneira nada mais fazeis que imitar a garridice da propria natureza, que se arraia com todos os thesouros de suas galas, para se embeber nos doces effluvios da formosa estação.

Para longo tristezas e constrangimentos. Que os hymnos da terra, que resoam por toda parte, accordando os echos das quebradas e as cadencias da solidão, possam formar um coro harmonico com as vozes do vosso contentamento e com os estos calorosos de vossa vibrante juventude.

A "Primavera" sente-se desvanecida e gloriosa em vos proporcionar mais uma noite de festa. Nas agitações da vida moderna, onde cada um é chamado a desempenhar seu papel sem desfallecimentos nem tibiezas, ella se esforça por colher a palma da victoria na arena das competencias, procurando se collocar á altura da epoca e da brilhante mocidade que a ampara, que a procura e que a prestigia. Alentada pela confiança e pela impavidez de sempre, esta sociedade está certa de poder revalidar constantemente os louros do seu passado com os louros do seu presente, buscando a rota do futuro com o sereno desassombro que lhe dá os ensinamentos de sua propria tradição.

Nos desertos ardentes da Arabia a cançada caravana exulta e renasce quando vislumbra nas linhas do abraçado horisonte o doce perfil dos oasis, onde ha agua, ha sombra, ha frescura. O beduino esquece então as terriveis provações da jornada. A alma se lhe dilata luminosamente

para o espaço, a terra se lhe apresenta menos arida, a vida menos tormentosa e não é raro que se lhe escape dos labios, para voar nas azas dos ventos, a nota de uma limpida canção.

A "Primavera" quer ser assim— uma especie de oasis verdejante, onde a vossa mocidade possa se expandir como o leque aberto da palmeira, onde o vosso jubilo possa derivar como a torrente argentina da lympha. Quando vos sentirdes, no meio da seguidão da vida contemporanea, trabalhados pelo cansaço e pelo desgosto, procuraes a sempre, ella vos dará a paz ao coração, o repouso ao espirito, o lenitivo á alma, porque ella será amanhã o que é hoje, o que foi hontem — a alegria, a concordia, a fraternidade.

XXXI

La tombe dit à la rose :
Des fleurs dont l'aube t'arrose
que fais-tu, fleur des amours ?
La rose dit à la tombe :
Que fais-tu de ce qui tombe
dans ton gouffre ouvert toujours ?

La rose dit : Tombeau sombre,
de ces fleurs je fais dans l'ombre
un parfum d'ambre et de miel.
La tombe dit : Fleur plaintive,
de chaque âme que m'arrive
je fais an ange du ciel.

VICTOR HUGO.

TANTALICO

Que a adoro tanto nem sequer presente,
pois outro adora que a não quer nem ama.
A mesma dor eu sinto que ella sente,
desde o mesmo deserto á mesma chamma.

Trazemos n'alma, semelhantemente,
o mesmo enredo de um sombrio drama.
Vamos, é certo, numa só torrente,
mas que em pontos oppostos se derrama.

Não sendo comprehendida — ai! — não comprehende
como a garra que a prende tambem prende
e rasga e sangra um coração de rastros...

E nossa vida assim, de vago em vago,
parece um triste, um solitario lago:
— bem distante dos céos retrata os astros!

ARTHUR ANDRADE.

Entardece. E' a hora do crepusculo, é a hora das vagas tristezas. A alma da natureza adormece, repousa, concentra-se. A alma da humanidade se embevece, se expande, se dilata. Uma se retrae, como as plumulas de uma aza, para os seus arcanos de rosas; outra, como um raio frouxo de luz, derrama-se pela immensidade, tem sede de infinito. A natureza ama então a sombra, o silencio, a espessura: o idyllio ahi é mais doce. Por sua vez o espirito quer o espaço, o pararamo, a amplidão: o ideal ahi é mais largo.

Entardece. O sol transmonta lentamente, na indecisão somnolenta das coisas, e manda ainda um beijo dourado de luz ás cumiadas longinquas. Purpureiam-se ainda os céos occidentaes. A estrella da tarde declina na linha vaga do horisonte. O vento dorme na amplidão; o ninho emmudece na calentura das frondes; repousa o mar sobre um leito de coraes e de perolas, repousa e sonha como uma turqueza immensa, imovel e calma.

Ha por tudo o mysterio, o indefinido, o sublime. As primeiras sombras já vão descendo das solitarias montanhas; descem, estendem-se, espalham-se sobre a face da terra. Valles, campos e serranias; as ribas silenciosas e as veigas esmaltadas; banhados e solidões vão se esfumando pouco a pouco, dissolvendo-se suavemente, para adquirirem essa physionomia incaracteristica dos crepusculos descendentes.

A meditação boia como uma onda; o sonho paira como uma aza. Genios da tarde! Porque, na hora indefinivel do Angelus, a alma pende como as flores na solidão das alfombras? porque a illumina uma claridade mais doce? porque a embalam harmonias desconhecidas e porque a estremecem aspirações nunca sentidas?

Emmudecei, genios da tarde. Vós não podeis dizer-m'ò, porque são reflexos momentaneos e divinos talvez do infinito, talvez do ideal, talvez do nada...

Ao clarão crepuscular tudo é vago e sublime. A harmonia que reboia na esphera; a flôr que se inclina na haste; a espuma que referve na vaga; o suspiro das folhas, o murmurio das aguas, o pipillo do passaro retardatorio, todo esse conjuncto de sons, de cor, de effluvios; de abstrações, de scismas, de poesia — reproduz a propria vida, é a mesma vida com suas fluctuações, seu ignoto, seu indefinido.

Hora doce do poente! Poema eterno das coisas, sentido, mas incomprehendido, porque vos enchem todos os lumes do céo e todos os matizes da terra, todas as vozes do infinito e todos os ecos da solidão, como sois irmão dos desejos insoffridos, das aspirações sem limites, dos intangiveis ideias...

S. Paulo — 1900.

A. A.

O NOSSO FESTIVAL

Não podia ser mais significativa nem mais brilhante a festa com que os socios desta sociedade, unanimemente reunidos pelo mesmo pensamento, deliberaram premiar os relevantes serviços da actual directoria, ha pouco reeleita pelo mais cerrado suffragio.

A comissão, composta dos srs. Aldyrando Graça, Miguel Flores da Cunha, Jacomo Stavale, Mario de Barros e J. Ferreira Chibante, não empregou embalde seus denodados esforços e seu reconhecido bom gosto, porque o exito alcançado culminou pelas raias de um dos mais ruidosos triumphos de que ha memoria nos annaes da *Primavera*.

Com dosvanecimento o dizemos: festas como essas, não marcam somente uma data auspiciosa na historia de uma sociedade, marcam tambem o seu apogeu, erigido, como uma bandeira de glorias, ao lado de sua plena consolidação no conceito publico.

Tentemos descrever ligeiramente essa inolvidavel festividade. A principio vacillou-se sobre a escôlha das homenagens.

Resolveu-se afinal por um baile. O salão escolhido foi o *Steinway*, o que tanto vale dizer que, para um grande quadro, se achou uma rara moldura.

O tempo é que contrastou com o entusiasmo de todos; mas, apesar da chuva miuda, impertinente, ininterrupta, ás 9 horas, pouco mais ou menos, começaram a apparecer os primeiros convidados, que eram recebidos pela Comissão de festejos, no vasto portal do *Steinway*.

Passado algum tempo, no meio da curiosidade e da emoção geral, apresenta-se toda a directoria da *Primavera*, vestida *en grand tenue*. Immediatamente retumbaram as notas vibrantes do hymno nacional, ao tempo em que todos os directores são introduzidos no salão debaixo de uma verdadeira tempestade de palmas, crescendo tanto o entusiasmo geral que essas calorosas demonstrações mudavam uma simples recepção nuna especie de delirante apothese.

A essa hora o amplo recinto do *Steinway*, regorgitante da fina flor da familia paulista, exhibia um aspecto deslumbrante e feerico, como si o illuminassem os fogos magicos da lampada de Aladino.

Flores em profusão, luzes em torrentes, ornamentação impecavel, tudo isso fazia desse ambito resplandecente um verdadeiro paraíso terreno, onde os accordes musicaes e a nota fidalga das *toilettes* de gala, tanto embalavam os sentidos como deleitavam a vista.

Começam afinal as danças. A animação, o entusiasmo, a concordia acompanharam-nos até os primeiros albores da manhã, pois só então tiveram termo, fechando-se ahí o cyclo da alegria, mas abrindo-se outro no espirito de todos — o cyclo da saudade.

Num dos intervallos da primeira quadrilha, a comissão de festejos destacou-se da massa dançante, dirigindo-se, de braço dado com a directoria da *Primavera*, para o palco do salão. Ahí, em nome da comissão, fallou o nosso distincto consocio, festejado lettreista e mavioso poeta sr. Arthur Andrade, pondo em relevo os benemeritos serviços dos actuaes directores e entregando-lhes, ao terminar, um lindissimo ramillete de flores natu-raes.

Aqui mencionamos, com profundo desvanecimento, a presença de diversas sociedades, nossas co-irmãs, como a "Chrysalida", o "Congresso Brasileiro", Congresso "Luzo Brasileiro", a "Terpsycore", de representantes da imprensa paulista, contribuindo todos para imprimir maior realce aos intuitos de fraternidade, que originaram essa festa.

E' justo, archivarmos tambem que a denodada directoria da *Primavera* offereceu aos representantes da imprensa e das sociedades presentes á festa uma taça de *champagne*, sendo levantados, por essa occasião diversos e calorosos brindes.

E ahí fica uma pallida descripção dessa ruidosa homenagem social, que ha de figurar nas tradições da *Primavera*, como uma das suas melhores festas e uma de suas melhores datas.

Chrysalida e Mariposa

São os titulos de duas novas e bellissimas composições musicaes para dança, feitas pelo nosso incansavel companheiro de directoria, o conhecido e distincto professor de piano snr. Justino França, sendo a primeira dedicada á sociedade da qual tirou o titulo e a outra, offerecida á *Mariposa*, organ litterario do Congresso Brasileiro. Ambas serão hoje executadas pela orchestra, figurando no *carnet*.

ADEUS!

Uma vez, n'uma camara elegante,
De um contador no marmore de rosa,
Entre os mil nadas feminis que exhalam
Uns aromas subtis que nos embalam,
Vi uma concha pallida e graciosa.

Sentira eu n'ella um som confuso e triste
Como o dos sinos em remota aldeia;
Pobre concha! morria de saudade
D'aquella vaga e triste immensidade
Do mar que chora na deserta areia.

Olha, querida, como nessa concha,
Anda chorando em mim continuamente
Essa timida voz que tu soltaste,
Essa palavra *Adeus* que murmuraste
Aos meus ouvidos languida e tremente.

GONÇALVES CRESPO.

O NÃO

Terrivel palavra é um não. Não tem direito nem avesso: por qualquer lado que o tomeis, sempre sóa e diz o mesmo. Lede-o do principio para o fim, ou do fim para o principio, sempre é não. Quando a vara de Moysés se converteu n'aquella serpente tão feroz que fugia della porque o não mordesse, disse-lhe Deus que o tomasse ao revez, e logo perdeu a figura, a ferocidade e a peçonha. O não não é assim; por qualquer parte que o tomeis, sempre é serpente, sempre morde, sempre fere, sempre leva o veneno comsigo. Mata a esperanza, que é o ultimo remedio que deixou a natureza a todos os males. Não ha correctivo que o modere, nem arte que o abraude, nem lisonja que o adoce. Por mais que conforteis um não, sempre amarga; por mais que o enfeiteis, sempre é frio; por mais que o doureis sempre é de ferro. Em nenhuma solfa o podeis pôr, que não seja mal soante aspro e duro. Quereis saber qual é a dureza de um não? a mais dura cousa que tem a vida é chegar a pedir, e depois de chegar a pedir, ouvir um não, vede que será? A lingua hebraica, que é a que fallou Adão, e a que mais naturalmente significa e declara a essencia das cousas, chama ao negar o que se pede envergonhar a face. Assim disse Bersabé a Salomão: trago vos, Senhor, uma petição, não me envergonheis a face. E porque se chama envergonhar a face negar o que se pede? Porque dizer não a quem pe-

INSTITUTO HISTÓRICO
GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

de, é dar-lhe uma bofetada com a lingua; tão dura, tão aspera, tão injuriosa palavra é um não! Para a necessidade dura, para a honra affrontosa, e para o merecimento insoffrivel.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

A FLOR

Depois de ume forte tempestade, nevoenta e fria, surgiu a manhã.

No recondito seio de uma matta escura e densa, onde, sobre alvissimos seixos discretamente corre um pequeno regato que, áquella manhã se revestia de limpidas e crystallinas aguas, á margem, medrosa, pallida e tremula, desabrochou uma flor.

Os primeiros raios aurifulgentes do sol, que já despontava no horizonte, faziam scintillar as gottas do orvalho matutino que ali tão discretamente, como que inebriadas pela suave fragrancia das brancas petalas da flor, recebiam o primeiro beijo da Luz.

Era tão bella aquella flor, que as aguas do regato, orgulhosas por verem-na nascer á sua beira, ao passarem por ella, formavam-lhe á frente, em signal de cumprimento talvez... pequenas ondas que se dissipavam depois e misturavam-se ás outras aguas que corriam rumurejantes...

E esse murmurio se confundia com o doce ciciar da brisa tepida e serena que embalava carinhosamente a gentil florinha, a qual, por sua vez, se inclinava ás mansas aguas do regato.

Mas, á tarde- tarde nefanda! — o azul claro da abobada celeste, se cobriu de umas nuvens grossas e carregadas.

Outra vez soprava o vento furioso, como que querendo atirar ao longe, tudo o que em sua frente encontrava. E a flor tão bella e tão gentil, que apenas algumas horas tinha de vida, medrosa como a chysalida que, saindo do casulo aligera, transformada em alvissima borboleta, esvoaça brandamente, librando-se ao alto e

confundindo-se com a luz rutilante de um dia de sol, atirou-se involuntariamente aos braços poderosos do vento, emquanto que este, depois de a ter feito ferir as alvas petalas nos grossos troncos das frondosas arvores, foi sepultal-a meio viva, no abysmo escuro e temeroso de um rochedo immenso!

Minutos depois cahiu pesada e forte a chuva. E as enxurradas corriam ligeiras ao pequeno regato que de novo ia se turvando; dir-se-ia então que se enlutava pela flor que deixara de existir...

S, Paulo, Julho — 1900.

MAGALHÃES COSTA.

AMBIGUIDADES

Estamos na epoca dos exames. Os da *Primavera* foram solemnes como os das escolas, tendo como examinador o nosso querido presidente, que prima por sel-o de veras e que apurou o seguinte resultado:

- J. de França o menos francez — porque nunca foi á nação franceza.
 A. Brazil o mais brasileiro — porque está no seu paiz.
 J. Chibante o mais liró — porque exhibe as modas.
 M. Flores o menos floreo — porque não é floral.
 A. de Carvalho o menos frondoso — porque não é vegetal.
 Dr. Penteado o mais embaraçado — porque não é oleginoso.
 J. Salgado o menos salino — porque é assucarado.
 A. Graça o mais triste — porque não está para graças.
 Jacomo o menos glutão — porque jejúa.
 G. Placido o mais inquieto — porque é diffuso.
 A. Rocha o mais molle — porque não é de pedra.
 L. Oliveira o menos oliváceo — porque embirra com as azeitonas.
 D. Moraes o mais moralista — porque prega.
 Mario o menos chorão — porque não é o das célebres ruinas.
 C. Salvador o menos caridoso — porque não salva dor alguma.
 A. Marcondes o menos fidalgo — porque não é titular.

V. Sacramento o menos santo — porque não tem sacrario.

J. da Cruz o menos devoto — porque é de páu.

A. Corrêa o mais frouxo — porque não aperta.

D. Silva o menos vegetativo — porque não é arbusto.

F. Leite o menos nutritivo — porque não tem lactescencia.

R. Ramos o menos folhudo — porque não vegeta.

A. Pontes o menos transitavel — porque não é viaducto.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Chrysalida

Desta primorosa sociedade recebemos um delicado officio, convidando-nos para assistir á brilhante partida, realisada a 17 do mez p. findo, nos salões do *Club Germania*.

Accedendo a tão honrosa deferencia, a sociedade *Primavera* fez-se representar pelo director sr. Alvaro de Carvalho e nosso distincto auxiliar sr. Aldovrando Graça.

Dizemos o que foi essa magnifica festa é dispensavel, tal fóra seu esplendor; demais, o justo renome, acatamento e apreço que gosa tão distincta sociedade, dá lugar para se ajuisar quão sublime devia ter sido aquella noite de flores.

Resta confessar que os nossos representantes retiraram-se encantados e desvanecidos pelas fidalgas gentilezas dispensadas pela illustre directoria e amabillissimas consocias.

Felicitemos a distincta e incansavel directoria pelo brihantismo dessa festa, com a qual concluiu seu mandato.

Agradecidos pelo convite.

Eden Santista

Esta sympathica sociedade, attendendo ao nosso convite, fez-se representar pela sua distincta directoria, na festa do nosso anniversario social, por cuja gentileza nos manifestamos gratos.

Congresso Luso Brasileiro.

Temos recebido eloquentes provas de amizade desta apreciada sociedade dramatica, convidando-nos para assistir ás esplendidas recitas que continuamente realisa.

A tão elegante aggemiação, que muito se tem salientado entre suas co-guaes, agradecidos e parabens.

Eden-Club

Recebemos um convite para a ultima recita, realisada na séde social. Agradecendo, pedimos desculpa por não termos comparecido, em virtude de recebermos retardado o convite.

Congresso Brasileiro

Solemnizando o 4º anniversario de sua fundação, effectuou esta conhecida e brilhante sociedade, em seus salões, uma magnifica festa, onde reinou muita harmonia e animação.

A ella compareceram a imprensa da Capital, representantes de outras sociedades, distinctas convivas e o estimavel cavalheiro presidente honorario do Congresso sr. Marcolino da Luz.

Antes de começarem as danças, a excellente banda musical da brigada Policial, postada á frente da séde social, executou escolhidos peças. O edificio estava ornamentado com apurado gosto e profusamente illu-

minado, realçando-se, pela originalidade de adornos, o salão principal e a saleta dedicada á imprensa.

Num pequeno e luxuoso palco fôra collocada uma esplendida orchestra.

O bello sexo, que enchia os salões, estava magnificamente representado, notando-se custosas e deslumbrantes toilettes.

Foi offerecido pela commissão directora uma taça de *Champagne* á imprensa e sociedades congeneres ahi representadas, trocando-se diversos brindes.

As danças, sempre em crescente animação e ordem, terminaram ao alvorecer.

Incontestavelmente foi uma das mais bella festa realisadas no Congresso.

Penhorados pelas finesas dispensadas aos nossos representantes, reiteramos á esforçada Commissão Directora do Congresso, á cuja frente se acha o prestimoso moço sr. Alfredo Gabiobartz, nossos emboras pela magnifica festa.

Primavera

A Sociedade *Primavera* continua installada á rua do Carmo, n. 7 — sobrado, para onde deve ser dirigida a correspondencia.

A séde acha-se aberta diariamente. Os ensaios de danças continuam nos dias e horas do costume, sob a criteriosa direcção e projectos ensinamentos do nosso distincto consocio sr. Jacómo Stávale.

Festival de hoje

A directoria deliberou abrir a presente festa social por uma pequena parte concertante, fazendo-se ouvir ao piano a Exma Sra. D. Andradina de Campos, talentosa alumna-do professor França, que executará a *balade* em sol menor, de Chopin e a grande sonata pathetica de Beethoven e o sr. Emilio Ferreira que executará uma bellissima aria de Danbé para violino e piano.



PROGRAMMA - CARNET

- | | |
|--|---------------------------------------|
| 1.ª Valsa «Chrysalida»..... | 3.º Schottisch inglez..... |
| 1.ª Polka «Mariposa»..... | 2.º Pas-de-quatre..... |
| 2.ª Valsa..... | 6.ª Valsa..... |
| 1.ª Quadrilha franceza..... | 3.ª Quadrilha franceza..... |
| 1.ª Mazurka..... | 3.ª Mazurka..... |
| 1.º Schottisch «Congresso Brasileiro». | 4.ª Polka «Mariposa»..... |
| 3.ª Valsa..... | 7.ª Valsa «Chrysalida» |
| 2.ª Polka..... | 4.º Schottisch..... |
| 1.º Pas-de-quatre..... | 4.ª Mazurka..... |
| 4.ª Valsa «Chrysalida»..... | 8.ª Valsa «8.ª de Ramentti»..... |
| 2.ª Quadrilha americana..... | 3.º Pas-de-quatre..... |
| 2.º Schottisch..... | 5.ª Polka Militar..... |
| 2.ª Mazurka..... | 5.ª Schottisch «Congresso Brasileiro» |
| 5.ª Valsa..... | 9.ª Valsa..... |
| 3.ª Polka Militar..... | |

